



*Agatha Christie*

# Unidos pelo Crime

Tradução  
Luís Miguel Valente

ASA

## ÍNDICE

I	Uma Fada em Casa.....	7
II	Um Bule de Chá .....	17
III	O Caso da Pérola Cor-de-Rosa.....	31
IV	A Aventura do Desconhecido Sinistro .....	53
V	A Passagem ao Rei .....	75
VI	O Cavalheiro Vestido de Papel de Jornal.....	85
VII	O Caso da Senhora Desaparecida.....	97
VIII	O Jogo da Cabra-Cega.....	115
IX	O Homem na Neblina .....	131
X	O Estalador .....	153
XI	O Mistério de Sunningdale.....	171
XII	A Casa da Morte Oculta .....	189
XIII	O Álibi Inatacável .....	213
XIV	A Filha do Pastor.....	237
XV	Red House.....	245
XVI	As Botas do Embaixador.....	259
XVII	O Homem Que Era o Número 16.....	281



## CAPÍTULO I

### UMA FADA EM CASA

Mrs. Thomas Beresford mudou de posição no divã e olhou melancolicamente pela janela. A vista era curta e constava apenas de um pequeno bloco de apartamentos do outro lado da estrada. Mrs. Beresford suspirou e soltou um bocejo.

– Quem me dera – confessou ela – que acontecesse alguma coisa.

O marido ergueu os olhos com um ar de censura.

– Tem cuidado, Tuppence. Esse teu desejo de sensações banais deixa-me alarmado.

Tuppence suspirou e fechou os olhos de modo sonhador.

– O Tommy e a Tuppence deram o nó – começou a cantar –, e depois viveram felizes para sempre. Ao fim de seis anos lado a lado ainda continuavam a viver felizes para sempre. É extraordinário – disse ela – como tudo é sempre tão diferente daquilo que pensámos que poderia vir a ser.

– Um pensamento muito profundo, Tuppence, mas que está longe de ser original. Eminentes poetas e teólogos ainda mais eminentes já o disseram antes e, vais desculpar-me a franqueza, disseram-no com palavras mais felizes.

– Há seis anos – continuou Tuppence –, eu teria jurado que com dinheiro suficiente para os gastos e contigo por marido toda a nossa vida seria uma esplendorosa e doce melodia, como diria um dos poetas que tu pareces conhecer tão bem.

– E sou eu ou o dinheiro que te deixa enfasiada? – perguntou Tommy com frieza.

– Enfastiada não é a melhor palavra – disse Tuppence de forma amável. – Acostumei-me simplesmente à sorte que tenho. Da mesma maneira que nunca pensamos devidamente na dádiva que é sermos capazes de respirar pelo nosso próprio nariz até ao dia em que apanhamos uma constipação.

– Achas que devo dar-te menos atenção? – sugeriu Tommy. – Levar outras mulheres a bares e salões de dança. Esse tipo de coisas.

– Seria inútil – respondeu Tuppence. – Só serviria para me encontrares por lá com outros homens. E eu perceberia perfeitamente que tu não estavas interessado nas outras mulheres, enquanto tu nunca terias verdadeiramente a certeza de que os outros homens não me encantavam. As mulheres são muito mais complexas.

– Só na modéstia é que os homens são imbatíveis – murmurou o marido. – Afinal, o que se passa contigo, Tuppence? Qual a razão deste descontentamento?

– Não sei. Quero ver coisas a acontecer. Coisas empolgantes. Não gostavas de voltar a perseguir espões alemães, Tommy? Pensa naqueles dias loucos em que o perigo estava à espreita a toda a hora. Claro que eu sei que, de certa forma, tu agora pertences aos Serviços Secretos, mas isso não passa de trabalho de escritório.

– Queres tu dizer que preferias que eles me enviassem para os confins da Rússia disfarçado de contrabandista bolchevique ou algo do género?

– Não, isso não servia – disse Tuppence. – Eles não me iam deixar ir contigo, e eu sou uma daquelas pessoas que precisa desesperadamente de atividade. Ter alguma coisa para fazer. É isso que passo os meus dias a dizer.

– Lavoros femininos – sugeriu Tommy, acenando com a mão.

– Vinte minutos de trabalho todas as manhãs depois do pequeno-almoço chegam bem para defender a honra. Tu não tens razões de queixa. Ou tens?

– A forma como governas a casa é tão perfeita, Tuppence, que quase chega a tornar-se monótona.

– Eu gosto de ser reconhecida – disse Tuppence. – Claro que tu tens o teu trabalho – continuou ela –, mas confessa lá, Tommy, nunca te dá um desejo secreto de excitação, uma ânsia de que aconteçam coisas?

– Não – disse Tommy –, pelo menos que me recorde. É muito bonito querer que aconteçam coisas, o problema é que podem não ser coisas agradáveis.

– Como os homens são atilados – suspirou Tuppence. – Nunca te deixas levar por uma loucura, um desejo secreto de uma vida plena de romance e aventura?

– O que *tens* andado ler, Tuppence? – perguntou Tommy.

– Pensa só quão excitante haveria de ser – continuou Tuppence –, se agora ouvíssemos umas pancadas desenfreadas na porta, e a fôssemos abrir e nos entrasse por aqui adentro um homem morto a cambalear.

– Se o homem estivesse morto, não podia cambalear – afirmou Tommy em tom crítico.

– Sabes bem o que eu quero dizer – retorquiu Tuppence. – As pessoas cambaleiam sempre imediatamente antes de morrerem e de nos caírem aos pés, deixando no ar um último suspiro e algumas palavras enigmáticas. «O Leopardo com Manchas» ou algo do género.

– Aconselho-te um curso sobre Schopenhauer ou Emmanuel Kant – gracejou Tommy.

– Esse era o tipo de acontecimento que te ia fazer bem – disse Tuppence. – Estás a ficar gordo e acomodado.

– Não estou nada – indignou-se Tommy. – Quem faz exercícios para emagrecer és tu.

– Toda a gente os faz – afirmou Tuppence. – Quando disse que estavas a ficar gordo, falava em termos metafóricos: estás a tornar-te próspero, acomodado e pachorrento.

– Não sei mesmo que bicho te mordeu – disparou o marido.

– É o espírito da aventura – murmurou Tuppence. – De qualquer modo, é bem melhor do que a nostalgia do romance. Também a tenho, de vez em quando. Penso em conhecer um homem, um homem realmente atraente...

– Conheceste-me a mim – disse Tommy. – Não te chego?

– Um homem moreno, esguio e incrivelmente forte, o género de homem que sabe montar na perfeição, que apanha cavalos selvagens com o seu laço...

– É favor não esquecer as calças de pele de carneiro e o chapéu de *cowboy* – interpôs Tommy de modo sarcástico.

– ...e que passou uma parte da vida nos territórios longínquos e selvagens – continuou Tuppence. – O meu desejo seria que ele se apaixonasse loucamente por mim. É claro que, sendo fiel aos meus votos matrimoniais, trataria de o repelir com toda a minha virtude, mas a ânsia secreta do meu coração seria encostar-se ao dele.

– Bem – disse Tommy –, a mim acontece-me muitas vezes desejar dar de caras com uma miúda realmente bonita. Uma miúda com o cabelo da cor do trigo que não demoraria nem um segundo a morrer de amores por mim. A diferença é que não me estou a ver a repeli-la... de facto, estou bem seguro do contrário.

– Isso aí – exclamou Tuppence –, já é uma questão de mau carácter.

– Então, Tuppence? – ripostou Tommy. – A sério, o que se passa contigo? Nunca te ouvi falar comigo desta maneira.

– Não, mas já há muito tempo que ando a ferver por dentro – respondeu Tuppence. – É muito perigoso termos tudo aquilo que queremos... incluindo o dinheiro para comprar tudo e mais alguma coisa. Claro que há sempre os chapéus.

– Mas tu já tens perto de quarenta chapéus – bradou Tommy –, e são todos parecidos.

– Os chapéus são assim – explicou Tuppence. – Na verdade, eles não são parecidos. Os chapéus têm as suas *nuanças*. E hoje de manhã vi um bem bonito na Violette's.

– Se tu não encontras nada melhor para fazer do que andar por aí a comprar chapéus, então não precisas de...

– É isso – disse Tuppence –, é exatamente isso. Tomara eu ter alguma coisa melhor para fazer. Acho que devia dedicar-me a ações de caridade. Ó Tommy, eu quero mesmo que nos aconteça alguma coisa entusiasmante. Acho... acho que isso seria realmente muito bom para nós. Se ao menos conseguíssemos descobrir uma fada...

– Ah! – exclamou Tommy. – É engraçado estares a falar nisso.

Ele pôs-se de pé e atravessou a sala. Depois de abrir uma gaveta da escrivaninha, tirou de lá uma pequena fotografia e veio trazê-la a Tuppence.

– Ah! – disse Tuppence –, então sempre as revelaste. Qual é esta, a que tu tiraste desta sala ou a que eu tirei?

– A que eu tirei. As tuas não ficaram boas. Deste-lhes pouca exposição. Cometes sempre o mesmo erro.

– Que bom para ti – disse Tuppence –, verificares que há alguma coisa que fazes melhor do que eu.

– Que comentário mais parvo – censurou Tommy –, mas por agora vou fazer de conta que não o ouvi. O que te quero mostrar é isto.

Tommy apontou para uma pequena mancha branca na fotografia.

– É um arranhão na película – alvitrou Tuppence.

– Nada disso – disse Tommy. – Isto, Tuppence, é uma fada.

– És tão parvo, Tommy.

– Ora presta bem atenção.

Ele entregou-lhe uma lupa. Tuppence usou-a para melhor examinar a fotografia. Visto através da lupa, e dando

um pouco de corda à imaginação, o arranhão na película podia representar uma pequena criatura com asas.

– Tem asas – exclamou Tuppence. – Que máximo, temos uma fada verdadeira em nossa casa. Achas que devemos escrever ao Conan Doyle por causa disto? Tommy, meu querido, achas que ela nos vai conceder desejos?

– Não vai demorar muito até que o saibas – respondeu Tommy. – Tens andado a tarde toda a desejar com tanta força que algo aconteça.

Nessa altura, a porta abriu-se e um rapaz alto de uns quinze anos, que parecia indeciso entre ser um mordomo ou um moço de recados, perguntou com grande aparato:

– A senhora está em casa? A campainha da porta da frente acaba de tocar.

– Quem me dera que o Albert não fosse tantas vezes ao cinema – suspirou Tuppence, depois de Albert se ter retirado com a sua anuência. – Agora anda a copiar o estilo de um mordomo de Long Island. Graças a Deus que o consegui convencer a deixar de pedir os cartões de visita às pessoas para depois mos trazer numa bandeja.

A porta abriu-se de novo e Albert anunciou «Mister Carter!», como se estivessem perante um par do reino.

– O chefe – murmurou Tommy entre dentes, pasmo de surpresa.

Com uma exclamação de contentamento, Tuppence pôs-se imediatamente de pé e cumprimentou um homem alto e já grisalho, de olhos penetrantes e sorriso cansado.

– Mister Carter, estou *mesmo* contente por o ver.

– Que amabilidade a sua, Mrs. Tommy. Agora conte-me lá como vai a sua vida.

– Não vai mal, mas anda algo monótona – respondeu Tuppence com um piscar de olhos.

– Ótimo, ótimo – disse Mr. Carter. – Não há dúvida que a venho encontrar em boa forma.



– Está a deixar-me entusiasmada – disse Tuppence.

Continuando a adotar a pose de mordomo de Long Island, Albert entrou para servir uma chávena de chá. Quando terminou a sua tarefa sem contratempos e saiu da sala fechando a porta atrás de si, Tuppence voltou à carga:

– O senhor tem algo na manga, não é verdade, Mister Carter? Vai enviar-nos numa missão para as profundezas da Rússia?

– Não é bem isso – respondeu Mr. Carter.

– Mas há qualquer coisa.

– Sim... há qualquer coisa. Não me parece que a senhora pertença ao tipo de pessoas que recua perante o perigo, não é verdade, Mrs. Tommy?

Os olhos de Tuppence brilhavam de entusiasmo.

– Há um trabalho que precisa de ser feito lá no departamento... e eu suponho... acho realmente... que pode ser o trabalho indicado para vocês os dois.

– Continue – pediu Tuppence.

– Estou a ver que compram o *Daily Leader* – prosseguiu Mr. Carter, pegando no jornal que estava em cima da mesa.

Procurou a página dos classificados e virou o jornal na direção de Tommy, apontando para um determinado anúncio.

– Faça o favor de ler em voz alta – pediu Mr. Carter.

Tommy fez-lhe a vontade.

– Agência Internacional de Detetives, gerida por Theodore Blunt. Investigações particulares. Vasta rede de colaboradores experientes e de mais elevada confiança. Discrição absoluta. Consultas gratuitas. Haleham Street, 118, zona ocidental.

Tommy lançou a Mr. Carter um olhar interrogativo. Este acenou com a cabeça.

– Já há bastante tempo que esta agência de detetives anda próxima da ruína – disse Mr. Carter em voz baixa. – Um amigo meu comprou-a por uma ninharia. Estamos a pensar em voltar a apostar nela... digamos que por um período experimental de seis meses. Claro que, durante este tempo, ela terá de ter um responsável.

– Então e Mister Theodore Blunt? – indagou Tommy.

– Receio que Mister Blunt tenha andado a falar de mais. Com efeito, a Scotland Yard teve de intervir. Mister Blunt está preso, mas não nos conta metade daquilo que gostaríamos de saber.

– Compreendo – disse Tommy. – Pelo menos, acho que compreendo.

– Sugiro-lhe que tire uma licença de seis meses. Motivos de saúde. E é evidente que eu não terei nada a ver com isso se você quiser passar a gerir uma agência de detetives sob o nome Theodore Blunt.

Tommy fixou os olhos no seu chefe.

– E quais são as suas instruções, *sir*?

– Acho que Mister Blunt andou a tratar de uns negócios com o estrangeiro. Veja se descobre umas cartas azuis com selo da Rússia. São de um negociante de carne de porco ansioso por encontrar a mulher que veio para este país como refugiada há alguns anos. Humedeça o selo e vai encontrar o número 16 escrito por baixo. Faça uma cópia dessas cartas e envie-me os originais. Por outro lado, se lhe aparecer lá alguém a falar do número 16, contacte-me de imediato.

– Entendido, *sir* – confirmou Tommy. – Algo mais?

Mr. Carter pegou nas luvas pousadas em cima da mesa e preparou-se para as despedidas.

– Pode gerir a agência como bem entender. Imaginei – os olhos dele brilharam um pouco – que Mrs. Tommy ficaria mais entretida se eu lhe pusesse o marido à prova numa pequena missão de detetive.



## CAPÍTULO II

### UM BULE DE CHÁ

Alguns dias mais tarde, Mr. e Mrs. Beresford instalaram-se nos escritórios da Agência Internacional de Detetives, que ficavam num segundo andar de um edifício algo degradado de Bloomsbury. No pequeno compartimento que servia de recepção, Albert renunciou ao papel de mordomo de Long Island e assumiu o de moço de recados, desempenhando-o na perfeição. Um saco de papel com rebuçados, mãos sujas de tinta e um ar despenteado representavam a sua conceção da personagem.

Duas portas ligavam a recepção aos escritórios. Numa das portas estava pintado um letreiro com a palavra «Funcionários». O letreiro da outra porta dizia «Privado». Para lá desta última, ficava uma pequena mas confortável divisão, composta por uma enorme secretária e vários arquivos, todos vazios, mas com etiquetas primorosamente preenchidas, para além de algumas cadeiras pesadas com assento de couro. Sentado à secretária, encontrava-se o pseudo Mr. Blunt, tentando mostrar que passara toda a sua vida a gerir uma agência de detetives. Evidentemente, não podia faltar um telefone pousado mesmo junto ao seu cotovelo. Ele e Tuppence haviam ensaiado inúmeras cenas ao telefone, e o próprio Albert também recebera instruções precisas.

Tuppence ficava no escritório contíguo juntamente com uma máquina de escrever, as mesas e cadeiras necessárias (de categoria inferior às do gabinete do grande chefe), e um bico de gás para fazer o chá.

De facto, não faltava nada, exceto clientes.

No êxtase dos primeiros dias, Tuppence tinha expectativas elevadas.

– Vai ser maravilhoso – disse ela. – Vamos andar à caça de assassinos, descobrir joias de família roubadas, encontrar pessoas que estavam desaparecidas e solucionar desvios de fundos.

Perante tanto entusiasmo, Tommy achou-se no dever de adotar um tom menos animador.

– Vê lá se te acalmas, Tuppence, e trata de esquecer essas ideias saídas dos livros de ficção barata que tens por hábito ler. Os nossos clientes, se é que temos clientes... não passarão de maridos que querem fiscalizar os movimentos das suas mulheres e de senhoras que querem que lhes vigiemos os maridos. Provas para o divórcio são a única coisa que sustenta a atividade dos detetives particulares.

– Mau! – exclamou Tuppence, franzindo o nariz. – Não nos devemos ocupar de casos de divórcio. Temos a obrigação de elevar o espírito da nossa nova profissão.

– S... sim – concordou Tommy sem esconder a hesitação.

Uma semana depois de se instalarem, é já num tom pesado que os dois trocam agora opiniões.

– Três mulheres imbecis cujos maridos saem de casa nos fins de semana – suspirou Tommy. – Veio mais alguém enquanto eu estive fora para o almoço?

– Um velhote gordo com uma mulher fútil – suspirou Tuppence com tristeza. – Há séculos que leio nos jornais que o problema do divórcio não para de aumentar, mas a verdade é que nunca me apercebi realmente disso até à semana passada. Estou farta de dizer: «não aceitamos casos de divórcio».

– Agora já colocámos essa nota no anúncio – lembrou Tommy. – Por isso, daqui para a frente não irá ser tão mau.

– Também tenho a certeza de que escrevemos o anúncio de um modo mais cativante – afirmou Tuppence com uma voz melancólica. – Mesmo assim, não me vou deixar abater. Se não tiver alternativa, eu própria cometo um crime e tu encarregas-te de o investigar.

– E de que adiantava isso? Pensa nos meus sentimentos quando eu tivesse de me despedir de ti em Bow Street... ou seria antes em Vine Street<sup>1</sup>?

– Deves estar a pensar nos teus tempos de solteiro – disse Tuppence sem rodeios.

– No Old Bailey<sup>2</sup>, era isso que eu queria dizer – afirmou Tommy.

– Bem – disse Tuppence –, é preciso fazer alguma coisa. Estamos nós aqui a transbordar de talento e sem oportunidades para o demonstrar.

– Fico sempre fascinado com o teu otimismo, Tuppence. Pareces não ter a menor dúvida a respeito do teu talento para estes assuntos.

– Claro – exclamou Tuppence, abrindo muito os olhos.

– E, no entanto, não tens o mínimo conhecimento prático.

– Bem, li todos os romances policiais publicados nos últimos dez anos.

– Também eu os li – disse Tommy –, mas tenho a impressão de que não será isso que nos há de ajudar por aí além.

– Tu foste sempre um pessimista, Tommy. Autoconfiança... é esse o segredo.

– Bem, não escondo que essa é uma das tuas características – confirmou o marido.

<sup>1</sup> Referência a locais de Londres conhecidos pelas suas esquadras de Polícia. (*N. do T.*)

<sup>2</sup> Referência ao já histórico tribunal criminal de Londres. (*N. do T.*)